

Marisa Decat de Moura
(Organizadora)

Alessandra Araújo Juste • Bruno Augusto Brum Scheffer • Carolina Leal Ferreira • Carolina Ricardo Pedrosa • Célio Garcia • Cláudia Amarante • Elaine Maria do Carmo Zanillo Dias de Souza • Fábio Borges • Françoise Huestel • Gilda Vaz Rodrigues • Jefferson Machado Pinto • Juliana Pereira Gubioni • Juliano Augusto Brum Scheffer • Karine Xavier Lemos de Faria • Larissa Márcia Zambolim • Léa Neves Mohallem • Maria de Lourdes de Melo Baeta • Maria de Lourdes Guimarães de Almeida Barros • Maria do Carmo Borges de Souza • Maria Lúcia Salvo Coimbra • Marie-Paule Chevalerias • Neli Gonçalves Durão • Raíssa Friche de Carvalho Brum Scheffer • Sandra Souza Kruel • Sérgio Lessvad • Simone Borges de Carvalho • Véronique Dalour



Psicanálise e Hospital-4

NOVAS VERSÕES DO PAI

REPRODUÇÃO ASSISTIDA E UTI

FUNDEÇÃO
FUMEC 1988

a.
Autêntica

MOURA, Marisa Decat de (ORG). Psicanálise e hospital 4 – Novas versões do pai: reprodução assistida e UTI. Autêntica: Belo Horizonte, 2005.

Prefácio

VERSÕES DO PAI E REPRODUÇÃO ASSISTIDA: SOMOS TODOS PRINCIPIANTES

Este livro espelha a construção de um longo trabalho de psicanalistas e médicos confrontados diariamente com as demandas provocadas pelas inovações tecnológicas, relativas aos problemas de reprodução.

Tais demandas se referem não apenas às complexas questões subjetivas envolvidas nas decisões e conseqüências da reprodução assistida para os futuros pais, mas também aos acontecimentos em uma unidade de terapia intensiva para recém-nascidos que dela necessitam.

O livro mostra que, apesar de todas as dificuldades inerentes à Psicanálise Aplicada à Medicina, os autores não pretendem recuar diante das exigências éticas em um campo no qual a máxima “o psicanalista é o especialista das causas perdidas”, com o duplo sentido que a expressão evoca e que nos interessa, se revela em infinitas nuances. E, ao contrário de adotarem uma posição paralisante, carregada de saudosismo ou de descrença, esses médicos e psicanalistas transformam o cenário tenso de uma Unidade de Terapia Intensiva neonatal, por exemplo, em oportunidade para interrogar os sujeitos, de modo a realinhá-los com as questões de seus desejos e separá-los de exigências superegóicas e/ou fantasmáticas.

Assim, o leitor encontrará relatos de inúmeras situações de ruptura de um padrão de relações, que produzem um escoamento do tempo do sujeito e culminam em momentos de crises ou de urgência de atendimento. Dentre tais situações, o livro destaca, por exemplo, o prognóstico vital para um recém-nascido; angústias maternas quanto ao futuro do bebê e do companheiro que se torna pai; fragilidades dos homens que não conseguem tolerar o anúncio do Outro de que será pai; a prematuridade, traumática por definição, desse anúncio, etc. Além dessas, podemos destacar também situações que envolvem problemas mais pontuais para análise, mas que não são por isso menos importantes: perda do investimento sexual na companheira que se tornou mãe, problemas de obesidade e a questão de crianças superdotadas que utilizam a inteligência como máscara protetora de seu sofrimento.

Porém, o ponto teórico crucial dessa obra, como o leitor poderá avaliar, é

a invasão tecnológica em questões que concernem à vinculação entre sexualidade e paternidade, e, principalmente, o lugar reservado ao pai na transmissão da linha geracional. Os textos evidenciam, com muita clareza, rigor e sofisticação, a maneira como os psicanalistas procuram sustentar o real que essas situações deixam à mostra, para que novas ficções possam ser construídas, evidenciando os aspectos éticos e a clínica que se espera de um psicanalista naquelas situações.

Além de fazerem com que o discurso analítico opere nesse espaço de diálogo com a Medicina, os autores dos trabalhos relatados neste livro tentam formalizar, ainda, a riqueza dos aspectos envolvidos nesse tipo de prática clínica. O leitor terá um panorama amplo a respeito das questões suscitadas por uma tecnologia médica avançada e pela ética subjacente ao discurso que a sustenta.

Insistimos, no entanto, que a questão mais impactante a causar as elaborações se refere ao Pai. Ela é, de fato, o leit-motiv de toda a obra, o foco principal que, por sua própria força estruturante, torna-se um tema a partir do qual muitas outras questões se tornam evidentes.

Um hospital, por si mesmo, é um lugar privilegiado onde desfilam tanto os avanços tecnológicos da medicina – especialmente, neste caso, aqueles que se referem às técnicas de reprodução assistida e os seus efeitos imprevisíveis na concepção – quanto os efeitos do discurso da ciência sobre o sujeito.

Assim, em termos mais amplos, os autores dedicaram-se a explicitar o papel do psicanalista diante do discurso da ciência, a problematizar aspectos teóricos e conceituais da prática analítica e a evidenciar situações clínicas totalmente novas, tanto para o psicanalista, quanto para os médicos. A participação, neste livro, de médicos especialistas em reprodução assistida, manifestando suas angústias e seu papel diante das novas demandas na geração de filhos, é um exemplo que traz uma contribuição importantíssima ao conjunto dos textos.

Muitos psicanalistas poderiam considerar ingênuo o modo como os médicos veiculam suas preocupações, do mesmo modo que nossas questões a respeito da sofisticação técnica que exibem possam parecer pré-históricas. O importante é que eles aceitaram, com uma dignidade exemplar, a incumbência de um trabalho em comum com os analistas. Somente este fato já traduz um reconhecimento médico de que o fator sujeito escapa às suas intervenções. Assim, aqueles especialistas expuseram com clareza e honestidade suas preocupações humanistas.

Claramente se dispuseram a revelar as suas preocupações com os efeitos da tecnologia. Acredito que eles mesmos poderão ver com maior clareza algumas conseqüências de sua prática, para além da consciência que eles possam ter sobre seus efeitos.

Aliás, cabe ao analista ler ou produzir um passo-a-ler a partir da sustentação daquilo que se manifesta como real nessas situações, isto é, como o que impede a compreensão imediata ou a justa ação do profissional. A presença do analista, junto ao especialista em UTI Neonatal ou em Reprodução Assistida, evidencia a importância de descompletar o saber da tecnologia, para que o sujeito ali foracluído possa advir. Por isso, alguns trabalhos evidenciam, por exemplo, o papel do silêncio diante da demanda, de modo a permitir a passagem do que se manifesta como desejo. Em todos os artigos, mesmo naqueles focalizados em questões específicas de pesquisa, fica claro o modo como o analista lida com o imprevisível da prática hospitalar.

Se o psicanalista é o especialista em causas perdidas, pois chamamos de real exatamente o que não se dá a ler, aquilo em relação ao qual não temos nenhum saber, sua contribuição à medicina se revela pelo trato do que aparece no sujeito como contingência. Essa modalidade lógica de apreciação da relação do sujeito com o real revela, então, o furo na filiação, o ponto onde não podemos contar com um Pai simbólico que ofereça algum princípio como garantia. Logo, a contingência expõe onde somos todos principiantes, como afirmou Adam Phillips. Se estamos no pior (pire), algo precisa ser construído para se tornar um pai (père), isto é, uma referência simbólica, um saber que contorne o real.

O discurso da ciência erode radicalmente a idealização humanista e mostra um real para o qual os sujeitos não parecem estar preparados: o trabalho de apropriação da paternidade é longe de ser simples. O Pai não é naturalmente dado, e a ciência altera continuamente nossas intuições, mitos e explicações imaginárias. O saber científico e o religioso têm se tornado, cada vez mais, o Outro oracular que deveria fornecer as respostas a tantas inquietações e desamparo. Entretanto, a experiência humana e clínica dos médicos e dos psicanalistas indica que o anúncio da paternidade exige de cada sujeito a construção das respostas e saídas singulares. Isso só é conseguido após muitas elaborações e um certo trabalho psíquico que muitos preferem evitar. Preferem, ao contrário, se colocar como objetos de um saber que lhes é exterior, no sentido de ser um saber universal, impessoal e válido para todos os sujeitos.

O nascimento de um filho traz, então, além da alegria, como mencionou

um dos autores, uma “fonte de angústia que pode ser negada ou recalçada”, pelas jovens mães e pelos pais. E, caso a criança seja prematura, isso se agrava, pois “já é uma vida que traz a presença ameaçadora da morte”. No caso do homem, como elaborar a angústia de se saber pai, com as implicações inerentes à função, tais como a capacidade provedora e protetora da mãe e do bebê, se a morte já se anuncia de saída?

Entretanto, além dessas funções fálicas usuais, a psicanálise destaca, em especial, a capacidade do homem de lidar com o gozo da mulher. Existem casos de mulheres determinadas a se tornarem mães independentemente da condição fisiológica do companheiro. O imaginário dessas mulheres se alia às inovações tecnológicas de tal modo que desconsideram os efeitos de uma decisão pela reprodução assistida no marido. Revelam, nessas situações, um gozo que sobrepuja a virilidade do companheiro, pouco se importando com as conseqüências da sua decisão, ou considerando-se excessivamente capazes de contornar os impasses conjugais. Como a virilidade poderia impedir a sideração gerada pela possibilidade de ter um filho via tecnologia? Como o homem poderia manter essa mulher como causa de seu desejo, isto é, separada de sua nova posição materna? Como mantê-la suficientemente mulher? Essa, afinal, não é a condição básica para a criação de uma história edípica?

Evidencia-se, então, nesse momento, a passagem da conjugalidade à parentalidade, da sexualidade de dois a uma mudança de lugar simbólico instituído pela procriação. Trata-se de uma travessia que não é feita sem angústias ou sintomas, exatamente por não ser naturalmente dada, como já dissemos, especialmente se a inovação tecnológica funciona como um terceiro nessa relação. Tal travessia, sem conhecimento prévio de seu final, pode fazer com que pessoas nascidas por meio da reprodução assistida, por exemplo, acabem “procurando no doador de esperma, não a fonte de seus cromossomos, mas um saber sobre o desejo da mãe”. Esse enigma, metaforizado pelo nome do pai, é constitutivo do movimento do desejo, pois funciona como o zero que permite a operatividade com os números a partir de sua ordenação. Com a intromissão da tecnologia como um terceiro elemento no par parental, esse enigma pode tornar-se fantasmaticamente consistente para essas pessoas e “deixá-las em constante busca da lei que rege seus destinos”.

Essa é, paradoxalmente, uma constatação tornada cada vez mais evidente pelo avanço da ciência: quanto mais a verdade do lugar do pai é derogada, mais sua importância se torna evidente. O Pai é uma construção por vir, uma elaboração recriada em cada momento da

história da civilização. E, diante de cada nova versão do Pai, atualiza-se o fato de sermos principiantes. Como se em cada um desses momentos encontrássemos o saber em fracasso a respeito do pai, a figura em abyme¹.

Vemos, assim, como o poder paterno tem se dissipado com o passar do tempo. Se em um dado momento de nossa história coube ao pai um lugar seguro, seu engajamento na transmissão de bens e valores de todo tipo era até sustentado pelo Direito Canônico. Provavelmente, essa posição privilegiada na cultura ajudou a esconder a inconsistência operatória da linguagem e seus efeitos na subjetividade.

Contudo, Lacan, coerentemente com a doutrina freudiana e com a força do lugar paterno, pode formalizar o componente estrutural na constituição do sujeito, independentemente da diacronia, mostrando uma lógica intrínseca à ação da linguagem. Ele pode, assim, retirar o aspecto psicológico da função edípica, ou deixá-la como um efeito “colateral”, deslocando o lugar da pessoa ou do personagem que desempenha a função paterna para a determinação simbólica. Isso não implica que a pessoa não tenha importância, porque sua presença é crucial na definição dos elementos com os quais criamos nossos romances familiares, como forma de tratamento do desamparo e da angústia. Partindo daquele achado da determinação simbólica, Lacan chamou de Nome-do-Pai esse significante especial que organiza o que da subjetividade se constitui como estrutura. Em outros termos, o Nome-do-Pai é o que garante alguma consistência à cadeia de significantes que sustenta o sujeito.

Houve um tempo, então, em que o pai era um referente rígido para a constituição do sujeito pela linguagem. A demonstração lacaniana é a de que não existe na linguagem um referente e que aí reside o “erro estrutural humano”. O Nome do Pai grampeia a dispersão significante e permite que o sentido se estabeleça entre os elementos da cadeia. Esse significante mestre é contingente, pode ser qualquer um, e, ao fazer sua incidência regulatória, define o sujeito e seu modo de viver a realidade. A psicose denuncia, justamente, a arbitrariedade do sentido dado por esse significante que tem o poder de mestria na criação do que chamamos de estrutura neurótica e sua realidade.

Porém, a clínica psicanalítica e a própria dispersão do poder paterno mostram um outro modo de conceber a fundação da subjetividade.

Os textos de Lacan, a experiência clínica com a psicose e o convívio com a literatura, dentre outros fatores, têm ensinado à psicanálise a

insuficiência do modelo linear da cadeia significante para se pensar a constituição do sujeito. Há dispersão do sujeito e, em vez de o nome do pai ser o ponto de amarração da linguagem que permite ao sujeito perguntar por sua origem, pelo seu ser, temos que pensar em uma pluralização dos nomes do pai. Há diversos pontos de amarração, o que evidencia mais uma forma constelar do que a linearidade da cadeia significante.

Há, então, como disse Lacan, um modo constelar do sujeito. Há os S1, o “essaim”², o enxame, há nomes do pai que “vêm suprir o erro estrutural humano, promovendo uma certa estabilização”.

Assim, os artigos mostram a complexidade da função paterna nos planos conceitual e clínico. A partir do esclarecimento da instabilidade desse foco, tanto para um dado sujeito, quanto para um tempo da civilização, os textos exaltam não apenas a importância da análise da interface entre Medicina e Psicanálise, mas, também, a importância, o dever ético e a possibilidade da presença do analista em uma área tão importante nesse momento do desenvolvimento científico. Neste livro, repleto de histórias de vida transformadas em casos clínicos, de uma fonte de dados e experiências profissionais de seus autores impressionantes, revela-se, com a angústia de quem caminha em terreno pantanoso, que o Pai está em constante mutação.

Fica patente que, quanto mais a ciência avança e o pai se torna destituído da rigidez de seus antigos poderes familiares, mais a cultura procura um pai consistente pela via da religião. A “solução” religiosa não deixa de ser um retorno da verdade da destituição do lugar ocupado pelo pai. A busca de um pai consistente por essa via atesta o triunfo dessa modalidade discursiva como forma de contornar o vazio estrutural.

Como gostaria Freud, cabe aos psicanalistas dialogar também com as práticas religiosas, de modo a manterem questões em aberto, pois parece impossível pensar um mundo sem pai, ou caracterizado pela precariedade paterna provocada pela ciência, pelo feminismo e até mesmo pela psicanálise, que ajudaram no desaparecimento do valor de semblant do pai e das diferenças de geração.

Como criar romances familiares diante de tamanha precariedade? Será que teremos pela frente apenas uma escolha de Sofia: o imaginário do pai da religião ou o real do pai manipulado biologicamente? Ou ainda seremos capazes de sustentar o valor civilizatório da função paterna a partir de nosso eterno lugar de principiantes?

Jeferson Machado Pinto

Referência

Phillips, A. Contingência para principiantes. In: Phillips, A. O flerte. São Paulo: Cia. das Letras, 1998.

Notas

1 - Remissão de Lacan a uma técnica de pintura ou de arte em geral, que reproduz repetidamente um detalhe, produzindo um efeito de ausência de fim, de inconclusão.

2 - Homofonia permitida pela língua francesa entre S1 e essaïm, enxame, feita por Lacan no Sem. [XX](#).